



Arquitetura Neocolonial

balanço crítico e
novas perspectivas

seminário internacional 2025 / fauusp e prolam

ARQUITETURA NEOCOLONIAL, LATINO-AMERICANISMO E MESTIÇAGEM: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

*NEOCOLONIAL ARCHITECTURE, LATIN AMERICANISM AND MISCEGENATION:
SOME APPROACHES*

*ARQUITECTURA NEOCOLONIAL, LATINOAMERICANISMO Y MESTIZAJE:
ALGUNAS APROXIMACIONES*

Eixo 01. FORMAÇÕES, CIRCULAÇÕES E CONEXÕES

MATOS, Alex de Carvalho
Doutorando; FAUUSP
alex.matos@usp.br



ARQUITETURA NEOCOLONIAL, LATINO-AMERICANISMO E MISTIÇAGEM: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

RESUMO

O aparecimento da arquitetura neocolonial, o impulso ao latino-americanismo e a transformação do significado da mestiçagem são acontecimentos concomitantes no início do século XX, assim como se mostram intimamente entrelaçados, inclusive no percurso de algumas figuras proeminentes no período, como José Vasconcelos, Ricardo Rojas e Mário de Andrade. Partindo desse quadro e, sobretudo, das reflexões empreendidas por Jorge Francisco Liernur em *A máscara sob a máscara: mestiçagem e modernização na arquitetura latino-americana do início do século XX*, estudo apresentado no I Docomomo Brasil, realizado em Salvador, em 1995, investigaremos os pontos de contato entre esses temas. O intuito em retomar esse debate é o de problematizar, à luz de reflexões recentes sobre esses temas, os pressupostos da arquitetura neocolonial que fizeram dela um momento fundamental de intersecção de preocupações nacionais e continentais.

PALAVRAS-CHAVE: neocolonial. latino-americanismo. mestiçagem. transculturação. identidade.

ABSTRACT

*The emergence of neocolonial architecture, the push towards Latin Americanism and the transformation of the meaning of miscegenation were concomitant events at the beginning of the 20th century, and were also closely intertwined, including in the careers of some prominent figures of the period, such as José Vasconcelos, Ricardo Rojas and Mário de Andrade. Based on this framework and, above all, on the reflections undertaken by Jorge Francisco Liernur in *A máscara sob a máscara: mestiçagem e modernização na arquitetura latino-americana do início do século XX*, a study presented at the 1st Docomomo Brasil, held in Salvador in 1995, we will investigate the points of contact between these themes. The aim of resuming this debate is to problematize, in the light of recent reflections on these themes, the assumptions of neocolonial architecture that made it a fundamental moment in the intersection of national and continental concerns.*

KEYWORDS: neocolonial. Latin Americanism. miscegenation. transculturation. identity.

RESUMEN



Arquitetura Neocolonial

balanço crítico e
novas perspectivas

seminário internacional 2025 / fauusp e prolam

*El surgimiento de la arquitectura neocolonial, el impulso hacia el latinoamericanismo y la transformación del significado del mestizaje son eventos concomitantes a principios del siglo XX, además de estar íntimamente entrelazados, incluso en las carreras de algunas figuras prominentes del período, como José Vasconcelos, Ricardo Rojas y Mário de Andrade. A partir de este marco y, sobre todo, de las reflexiones realizadas por Jorge Francisco Liernur en *A máscara sob a máscara: mestiçagem e modernização na arquitetura latino-americana do início do século XX*, estudio presentado en el 1º Docomomo Brasil, realizado en Salvador en 1995, investigaremos los puntos de contacto entre estos temas. El objetivo de retomar este debate es problematizar, a la luz de las reflexiones recientes sobre estos temas, los supuestos de la arquitectura neocolonial que la convirtieron en un momento fundamental en la intersección de las preocupaciones nacionales y continentales.*

PALABRAS-CLAVE: neocolonial. latinoamericanismo. mestizaje. transculturación. identidad.



Arquitetura Neocolonial

balanço crítico e
novas perspectivas

seminário internacional 2025 / fauusp e prolam

No início do século XX, a arquitetura neocolonial ganhava expressão em toda a América Latina, assim como as articulações para integração do continente em construção. Em uma mesma década, quando aparece o primeiro grande edifício em estilo neocolonial, na América Central, projetado em 1911 e inaugurado em 1913, e os primeiros estudos da arquitetura colonial no Brasil (1914) e no Uruguai (1917), é deflagrada em Córdoba, na Argentina, a Reforma Universitária (1918), episódio que pautou os ideais latino-americanistas nos setores médios urbanos. E no mesmo ano em que os desenhos da “taperinha” neocolonial de Georg Prziembel (1885-1956) foram apresentados no centro do saguão do Theatro Municipal de São Paulo, por ocasião da primeira Semana de Arte Moderna, o governo mexicano organiza uma missão diplomática inédita voltada à integração latino-americana, com foco no estreitamento dos laços entre o Brasil e os demais países do continente. Em meio a tudo isso, novas interpretações sobre a mestiçagem invertem o entendimento da “mistura”.

Algumas figuras chamam atenção nesse quadro ao intervirem tanto no debate sobre a arquitetura neocolonial quanto nas discussões sobre o latino-americanismo e sobre a mestiçagem. Esse é o caso do mexicano José Vasconcelos (1882-1959), autor de *La Raza Cósmica* (1925), obra que fez da mestiçagem no Brasil um modelo para o continente e para o mundo. No tempo em que foi Ministro da Educação Pública (1921-1924), Vasconcelos assumiu a dianteira da Missão Especial mexicana de 1922, ocasião na qual visita a Exposição Comemorativa do Centenário da Independência, no Rio de Janeiro, considerada a grande vitrine da arquitetura neocolonial no país (KESSEL, 1999; 2002). Foi também em sua obra mestra que o mexicano identificou na arquitetura neocolonial¹ a grande expressão estética da “nova raça” latino-americana a emergir da mestiçagem (TENÓRIO, 1994). Por sua vez, o argentino Ricardo Rojas (1882-1957), autor de *Euríndia* (1924), obra manifesto em favor da fusão entre culturas europeia e americano-indígena como caminho para a construção de uma identidade continental, chega a encomendar à Angel Guido (1896-1960), em 1927, o projeto de sua própria casa em arquitetura neocolonial (BOVISIO, 2021). Já o brasileiro Mário de Andrade (1893-1945), que tinha em sua biblioteca a *Monografía de las escuelas de pintura al aire libre* (1926), de Vasconcelos (JOSIOWICZ, 2015), e chega a mencionar sua admiração por Rojas anos mais tarde (PÉREZ GONZÁLEZ, 2014), transitou, em um mesmo ano, 1928, entre observações sobre o latino-americanismo, registradas em 22 de abril; escritos sobre arquitetura neocolonial, publicados entre 23 e 26 de agosto, ambos no *Diário Nacional*; e a escrita, nesse ínterim, de *Macunaíma: um herói sem caráter*, obra-prima síntese da mestiçagem, cuja primeira edição vem a público em 26 de julho.

¹ Sobre a relação entre mestiçagem e estética em José Vasconcelos ver: *A sobrevivência de uma raça: os mestiços no projeto estético de José Vasconcelos* (2020), de Leonardo Bento de Andrade.



Arquitetura Neocolonial

balanço crítico e
novas perspectivas

seminário internacional 2025 / fauusp e prolam

Ainda que a arquitetura neocolonial seja mais conhecida por sua valorização da identidade nacional, dado o interesse pela arquitetura colonial e, em alguns casos, pré-colonial, o aparecimento dessa linguagem arquitetônica na maioria dos países da América Latina faz dela um “denominador comum” no continente, abrindo caminho para estudos em perspectiva transnacional (PEIXOTO, 2022). Isso também possibilitou a identificação de redes de troca e circulação de ideias, documentos e profissionais em âmbito continental, como ocorreram com os Congressos Pan Americanos de Arquitetura (NOVO, 2023). Ao passo que o *latino-americanismo*, construção cultural anti-imperialista que visa a integração dos países do continente, mesmo mais propenso à valorização de um passado pré-colonial do que da colonização ibérica, não deixa de incorporar o legado dos tempos de dominação espanhola e portuguesa como um de seus referenciais (HERRÁEZ, 2021).

A mestiçagem, por sua vez, aparece, negativamente ou positivamente, como questão central no horizonte da construção da identidade tanto nacional, como é o caso da arquitetura neocolonial, quanto continental, como no caso do latino-americanismo. É o que aponta o historiador argentino da arquitetura Jorge Francisco Liernur em *A máscara sob a máscara: mestiçagem e modernização na arquitetura latino-americana do início do século XX* (1995), estudo que desdobra mais tarde em «*Mestizaje*», «*criollismo*», «*estilo propio*», «*estilo americano*», «*estilo neocolonial*». *Lecturas modernas de la Arquitectura en América Latina durante el dominio español* (2000). No primeiro estudo, apresentado no I Docomomo Brasil, realizado em Salvador, o autor, parte de uma polêmica entre os antropólogos em torno do conceito de mestiçagem, deslocando o debate para o que chama de “mistura” (ou “fusão”):

“Na cultura latino-americana, combalida pela conquista e, ao mesmo tempo, integrada pela catequização, a mistura foi considerada como traço característico, articulador de muitas das respostas ao recorrente problema de sua da identidade” (LIERNUR, 1995, p. 21).

Interessa a Liernur investigar como a “mistura” opera na busca de um “estilo próprio” no interior da cultura latino-americana. O autor não entra, nessa ocasião, nem no debate sobre o *mission style*, cuja importância para o estilo neocolonial teria sido “abundantemente considerada”, tampouco no exame de uma busca que encontrou nas arquiteturas dos grandes impérios asteca o inca as melhores representantes da identidade nacional, por estas, ao que tudo indica, não considerarem a própria “mistura”, ou seja, o produto da história colonial. Em seu horizonte, importam mais os “problemas teóricos” e o “debate político e cultural” do período.



Arquitetura Neocolonial

balanço crítico e
novas perspectivas

seminário internacional 2025 / fauusp e prolam

No campo teórico, a crise do sistema acadêmico em fins do século XIX teria aberto precedentes para o surgimento tanto da ideia de “caracterização” (Hypolitte Tayne), de viés biológico, como para uma postura mais eclética, que mobilizou componentes de origens diversas no intuito de criar um “estilo novo”, uma “perfeita expressão da era moderna”. De “novo”, no entanto, só a própria combinação, segundo Liernur. Inéditos teriam sido o *Art Nouveau* e o *Jugendstil*, linguagens que, “por fora do sistema acadêmico”, foram capazes de dar identidade aos novos centros políticos emergentes que se libertavam das antigas hegemonias, como Bruxelas de Paris, Barcelona de Madri, Darmstadt de Berlim ou Glasgow de Londres. Já o “estilo mistura”, em sua linguagem “sincrética, pluri ou transnacional”, funcionaria tanto como estratégia de dominação dos impérios coloniais, tendo a Grã-Bretanha a principal impulsionadora desse estilo como “universal”, quanto “expressão cultural mais apropriada para nações em recente formação”, como Itália e Alemanha. Afinal, o neoclassicismo e o neogótico, considerados inadequadamente “puros” para responder à complexa composição cultural da nova unidade alemã do Reich (1871–1918), foram suplantados pela valorização de elementos nórdicos e mediterrâneos. Assim, longe de representar uma particularidade latino-americana, o postulado da mistura teria vigorado tanto nas metrópoles, quanto nos novos territórios recentemente colonizados, oscilando entre um “pan-ecletismo”, de um lado, e, de outro, uma “contaminação” entre “arte colonizadora” e “gosto dos colonizados”, contando, inclusive, com entusiastas latino-americanos como o venezuelano Carlos Raúl Villanueva (1900-1975), o argentino Martin Noel (1888-1963), os franco-brasileiros Lúcio Costa (1902-1998) e Victor Dubugras (1868-1933) ou o chileno Julio Bertrand Vidal (1888-1918). Já não se sustentava mais a imposição de uma “civilização” ocidental contra a “barbárie”, nem na América Latina, tampouco no Sudeste Asiático, sendo mais bem vindas “linguagens híbridas” pelas quais amplos setores sociais pudessem se identificar (LIERNUR, 1995, p. 22-23).

Tais preocupações com a “mistura” estariam intimamente relacionadas ao debate político e cultural do período, animado pelo *Pan-hispanismo*, pela *Guerra-Hispano-Norte-Americana* e pela *Primeira Grande Guerra*. Desde o final do século XIX, um movimento de recusa ao positivismo e aos valores da sociedade capitalista, representada pelos Estados Unidos, impulsionou uma reaproximação das ex-colônias hispânicas à antiga metrópole espanhola, com a qual reivindicavam a partilha de uma mesma “tradição, raça e língua”, sendo Rojas um destacado entusiasta do pan-hispanismo, ao lado de Manuel Ugarte (1875-1951), Víctor Andrés Belaúnde (1883-1966) e José Gálvez Barrenechea (PASCUARÉ, 2000). Um dos poucos desdobramentos concretos desse impulso pan-hispanista teria sido a criação do *Dia de la Raza*, idealizado pelo ex-ministro espanhol Faustino Rodríguez-San Pedro em 1913 e oficializado em 1915, com o intuito de comemorar a chegada na América de Cristóvão Colombo em 1492. Mas não levou muito tempo para aparecerem as primeiras críticas a esse ideário. Na década seguinte, comenta



Arquitetura Neocolonial

balanço crítico e
novas perspectivas

seminário internacional 2025 / fauusp e prolam

María Herráez que o periodista Enrique Gay Calbó (1889-1977), em “Contra el hispanoamericanismo” (1927), teria questionado a ideia de uma “raça hispânica”, lembrando que a população americana é feita de “milhões de indígenas” e de um “crisol de migrações”, e que nem mesmo haveria um “laço religioso”, concluindo que “todo esse negócio de hispano-americanismo é charlatanismo”. Para a própria Herráez, “não passa de um movimento platônico, sentimental” (HERRÁEZ, 2021, p. 79-80).

Outra corrente também em formação, o *Latino-americanismo*, levou em conta as contribuições espanholas, como também italianas e francesas (Pan-latinismo), juntamente com o Cosmopolitismo, o Indianismo e o Africanismo. Se não deixa de ser na aparência um impulso idealista, suas motivações concretas e imediatas são notadamente políticas. *Ariel* (1900), do argentino José Enrique Rodó (1872-1917), seria, em primeiro lugar, uma resposta às pretensões imperialistas estadunidenses que emergem com a Guerra Hispano-Norte-Americana (1898), o “produto cultural mais representativo” desse conflito, observa Liernur. Informados por Rodó e por semelhante sentimento anti-imperialista, também se levantam os estudantes universitários de Córdoba naquela que ficou conhecida como “Reforma de 1918”. No ano seguinte, as reações no continente à ameaça ianque ganham mais um reforço do então presidente mexicano Venustiano Carranza (1859-1920), que declara uma política exterior de fortalecimento dos laços entre os países latino-americanos, a chamada Doutrina Carranza, fundamental para a Missão Mexicana que Vasconcelos protagonizou em 1922 (CRESPO, 2003; DIAS, 2019). Ao mesmo tempo, a deflagração dos conflitos na Europa em 1914 transformou sua imagem de “civilização” ocidental em um retrato desfigurado pela sua própria “barbárie”. Em outras palavras, um “Adeus à Europa” (COMPAGNON, 2014) foi anunciado pela “cidade letrada” (RAMA, 2015), que sem deixar de valorizar as contribuições estrangeiras, passou a exaltar aquelas que emergiram do próprio território.

Com a ameaça ianque e a barbárie europeia, ganha fôlego a reinvenção da “mistura americana” enquanto “particular fonte de energias transformadoras”, sendo o artigo *El congreso literario latinoamericano y el americanismo* (1882), do argentino Ernesto Quesada (1830-1913), um dos primeiros esforços nesse sentido. Antes apenas um traço negativo da formação cultural do continente, também conhecido como “pessimismo racial”, a mistura passaria a ser exaltada nos termos de um “vigoroso sincretismo latino-americano” e como “contracara da cultura europeia”, a ponto do alemão Oswald Spengler (1880-1936), de quem Quesada era muito próximo, identificar nos “povos jovens e ‘de cor’” aqueles que “propiciariam o golpe final ao Ocidente”. Se persistiram visões que consideravam a mestiçagem sinônimo de “inferioridade” - como as do boliviano Alcides Arguedas (1879-1946), do argentino Carlos Octavio Bunge (1875-1918) ou do peruano Francisco García Calderón (1883-1953) - ou de “degeneração” - como partilhavam os progressistas argentinos Alfredo Palacios (1878-1965), Juan B. Justo (1865-1928) e José



Arquitetura Neocolonial

balanço crítico e
novas perspectivas

seminário internacional 2025 / fauusp e prolam

Ingenieros (1877-1925) -, estas passaram a ser vistas como anacrônicas diante das reivindicações pelo *melting pot* encabeçadas por liberais da elite como o já citado Quesada, ao lado de Carlos Pellegrini (1846-1906) e Gabriel Carrasco (1854-1908), e das formulações em *Raza Chilena* (1904), de Nicolás Palacios (1954-1911), como em *Eurindia* e em *Raza Cósmica*, dos já citados Rojas e Vasconcelos, respectivamente (LIERNUR, 1995, p. 23-24). Também entusiasta da “mistura” foi José Martí (1853-1895), mas longe da “necessidade de síntese” de Palacios, Rojas ou Vasconcelos, o expoente cubano defendeu uma linha pluralista, assim como também, posteriormente, o dominicano Pedro Henríquez Ureña (1884-1946).

Na arquitetura, a “mistura” também mobilizou detratores e entusiastas. Figuras como Leopoldo Lugones (1874-1938), na Argentina, e Christiano das Neves (1889-1982), no Brasil, chegaram ao ponto de “aconselhar abertamente a demolição de edifícios do período colonial” por considerarem a arquitetura dos anos de dominação ibérica demasiadamente “contaminada” e “imperfeita” (LIERNUR, 1995, p. 25). Já entusiastas como Martin Noel (1888-1963), na Argentina, Julio Vilamajó (1894-1948), no Uruguai, Ricardo Malachowski (1887-1972), no Peru, e Alexandre de Albuquerque (1880-1940), no Brasil, apostaram nas construções do período colonial como “um antecedente de união entre culturas distintas” e na promessa de “fusão futura dos múltiplos componentes convocados pela modernização”, que colocavam na arena latino-americana, ao mesmo tempo, as contribuições de imigrantes e a de povos nativos recém integrados. Contudo, o resultado ainda se configurava como uma “soma de partes”. Para Liernur, a principal limitação dessa estratégia consistia em *subordinar a síntese à realização dos processos de transformação*: “aberta, à espera, não era capaz de proporcionar uma iconografia imediatamente consistente para as novas formações sociais” (LIERNUR, 1995, p. 25).

Uma tentativa de responder a esse quadro teria surgido no âmbito da Reforma Universitária de 1918. A juventude estudantil, com seu perfil “laico, renovador e simultaneamente latino-americanista” (LIERNUR, 1995, p. 25) teria sido a responsável pela “formulação dos novos conceitos do neocolonial” (GUTIÉRREZ, 1994, p. 63). Em um sentido, tratava-se de um descontentamento generalizado com o sistema de ensino e com os conteúdos rígidos ministrados; por outra perspectiva, mais ampla, consistia em uma inquietação cultural com ambições que extrapolavam o quadro acadêmico. Remonta a 1915, quando nas publicações da *Revista de Arquitectura*, periódico editado pelo Centro de Estudantes de Arquitectura da Universidade de Buenos Aires desde 1911, aparecem aquelas que seriam uma das primeiras reivindicações estudantis pela “revisão da história da cultura oficial”. Em seu editorial, a seguinte mensagem:

“Nossa arquitetura deverá plasmar-se nas fontes mesmas de nossa história, de acordo com razões de ordem natural e climática que fundamentam a obra a realizar. A idade colonial no tempo, toda a



Arquitetura Neocolonial

balanço crítico e
novas perspectivas

seminário internacional 2025 / fauusp e prolam

América subtropical no espaço, aqui estão dois pontos na mira de toda a evolução que responde no futuro à formação de uma escola e de uma arte nacionais em matéria de arquitetura (REVISTA DE ARQUITECTURA apud GUTIÉRREZ, 1994, p. 63)

Prova de que estavam atentos à amplitude e à complexidade do que estava em jogo, contam os jovens universitários editores da revista com contribuições de arqueólogos, sociólogos, literatos, políticos e pensadores de diversos campos de atuação, sendo o tema da ornamentação abordado em textos do antropólogo Juan Bautista Ambrosetti (1865-1917), que faleceria pouco antes da Reforma, e do já mencionado Rojas. Oscilando entre o “crioulismo anticosmopolita” e o internacionalismo, os estudantes de Córdoba teriam sido capazes não somente de *deslocar o debate arquitetônico para uma arena cultural mais ampla*, como também contribuir, nesse gesto, para a *difusão da arquitetura latino-americana*.

Como observou o historiador argentino Tulio Halperin Donghi (1926-2014), referindo-se às reverberações continentais da Reforma Universitária de 1918, o evento estudantil deflagrado em Córdoba teria funcionado como uma “caixa de ressonância” do latino-americanismo (DONGHI, 1999). Mais tarde, em *América Latina, pero desde abajo* (2012), Martin Bergel retomando essa ideia-chave, examina a conjuntura que possibilitou a “hora americana”, tal como Deodoro Roca (1890-1942) eternizou no *Manifiesto Liminar de la Reforma* (1918). Para Bergel, um “primeiro antiimperialismo latino-americanista” ganha profusão não somente pela invenção do telégrafo, que transformou a intensidade de circulação de notícias, mas também por um novo regime de difusão das ideias que contou com *viagens, cartas e revistas* culturais de abrangência continental. Se houve certo papel das “iniciativas diplomáticas e membros das elites políticas” - como aquelas das missões mexicanas protagonizadas por Vasconcelos - nesse quadro, pesou mais na atuação institucional, “os de cima”, ressentimentos com disputas de fronteiras, ameaças de guerra ou a memória de conflitos bélicos no passado, assim como a tendência em afirmar identidades nacionais, demonstrando que a tarefa de reforçar vínculos supranacionais se desenvolveria fora da lógica estatal (BERGEL, 2012, p. 13).

Uma figura central nesse quadro é o argentino Angel Guido (1896-1960). Estudante de arquitetura em Córdoba quando estouraram os protestos, notabilizou-se posteriormente pelas pesquisas sobre o passado colonial ibérico e, como muitos dos filhos da “Reforma de 1918”, “não mediu esforços para viajar, publicar em diferentes línguas, conhecer e trocar correspondências com arquitetos, artistas e literatos de outros países”, enfatizando o “destino continental do continente [...] a partir do conhecimento de nossa própria cultura” (NOVO, 2019, p. 544-545). Dentre as suas primeiras elaborações que buscaram articular arquitetura neocolonial, latino-americanismo e mestiçagem estão o projeto da



casa de Ricardo Rojas, projetada em 1927 e concluída em 1929, e *La casa del Maestro* (1928), escrito simultâneo ao projeto e construção que descreve o processo de elaboração dessa especial encomenda. Entre experimentação projetual, pesquisa histórica e investigação arqueológica realizada no norte da Bolívia e no Peru, Guido reconhece coincidências entre a “realidade plástica” das construções vernáculas e a “doutrina de Eurindia” de Rojas (BOVISIO, 2021).

Guido se interessou pelo neocolonial e pela mestiçagem de modo geral, chegando a publicar um estudo sobre Aleijadinho, como já vinha fazendo Mário de Andrade, (MIGLIACCIO, 2013; DE ALMEIDA MARTINS, 2016). Mas cabe pontuar que, diferentemente do arquiteto argentino, o modernista brasileiro não apostou no latino-americanismo. Por um lado, o autor de *Macunaíma* partilhava de muitos debates que circulam pelo continente, como é o caso do neocolonial e da mestiçagem. Chega, por exemplo, a identificar semelhante esforço em “adquirir estilos arquitetônicos nacionais” no México, na Argentina e no Brasil (ANDRADE, 1928, p. 12). Além disso, mantém intensa troca epistolar com os hispano-americanos (ARTUNDO, 2004; MATOS, 2016). Por outro lado, no calor dessas trocas com pares latino-americanos, confessa ter “horror a essa história de América Latina” (ANDRADE, 1928, p. 9). Examinando o caso, Raul Antelo comenta que “na América Latina, é praticamente impossível relacionar, de imediato, o posicionamento teórico com a atividade concreta dos intelectuais” (ANTELO, 1986, p. 3).

Em todo caso, foi o paulistano Mário de Andrade, juntamente com o alagoano Arthur Ramos (1903-1949) e o uruguaio Ildefonso Pereda Valdés (1899-1996), quem trouxe para o debate sobre a mestiçagem as contribuições africanas, recorrentemente obliteradas nos estudos sobre o neocolonial, tanto pelos seus primeiros entusiastas no Brasil, como Ricardo Severo (MELLO, 2019) e José Mariano Filho (KESSEL, 1999), quanto por autores hispânicos, sendo este o caso do próprio Guido. Investigando em *Mário de Andrade, africanista* (2019) as trocas epistolares entre esses expoentes dos estudos sobre o negro na América Latina no início do século XX, Lígia Fonseca Ferreira identifica uma rede transnacional de debate sobre o tema configurada desde o início dos anos 1930. É graças às cooperações no interior dessa rede que o bem relacionado Valdés apresenta a Mário de Andrade a britânica Nancy Cunard (1896-1965), organizadora de um grande projeto editorial intitulado *Negro Anthology*, publicado em 1934, cujo objetivo era “mapear o estado da arte da presença negra no mundo” (FERREIRA, 2019, p. 186).

Já dentre os esforços para aprofundar o conhecimento dos componentes indígenas da “mistura” na arquitetura neocolonial, chama atenção o caso peruano. Diferentemente do quadro argentino desde o qual atuava Guido, ali onde a presença indígena e afro-diaspórica foi sistematicamente sufocada (MARTINS, 2016; BARREIRO 2017), na conjuntura peruana, ao menos com relação aos indígenas, isso seria impossível, dada a



Arquitetura Neocolonial

balanço crítico e
novas perspectivas

seminário internacional 2025 / fauusp e prolam

maioria indígena no país. Em *Perú: la búsqueda de raíces nacionales* (1994), Pedro A. Belaunde observa que foi a luta indígena que pautou as metamorfoses do neocolonial, este convocado a responder às reflexões político-sociais em torno do problema do indígena. Se a pretensão dos setores conservadores era a de incentivar “as migrações europeias e valores cosmopolitas dos centros de cultura dos países ocidentais”, a “pressão conjuntural” exercida pela força social indígena e pelo apoio dos indigenistas fizeram com que as oligarquias e elites se limitassem a “uma atitude renovadora” e considerassem o neocolonial como a possibilidade de “renovar conservando”. Ainda aí, as ambições por uma iconografia baseada na “imagem que recorda os valores e a arte da cultura colonial dos setores tradicionais, assim como seus privilégios e proeminência social” precisaram ceder espaço para incorporar as reivindicações de setores progressistas (indigenistas) que buscavam “construir uma sociedade baseada no índio” (BELAUNDE, 1994, p. 80-81).

Examinando o caso peruano com base nos estudos de Belaunde, Liernur identifica ali uma das faces mais radicais do postulado da “mistura”: a reivindicação de sua completa inversão. O historiador da arquitetura argentino se refere aqui aos impactos do pensamento de figuras como José Carlos Mariátegui (1894-1930) e Víctor Haya de La Torre (1895-1979). Atentos ao significado da Reforma de 1918, tais interlocutores teriam fornecido argumentos para sustentar que “a fusão era quem devia se subordinar às componentes indígenas” em todo o continente. Em outras palavras, significa compreender que o protagonismo na *transculturación* (RAMA, 2004) deveria ser do indígena, e isto em uma escala supranacional. Esse entendimento encontra lastro, muito provavelmente, no reconhecimento do diálogo com o latino-americanismo em construção, na sua valorização do legado pré-hispânico, assim como se confirma na própria ascensão tardia das vanguardas arquitetônicas modernistas. Cabe lembrar que, na historiografia, o marco inaugural do modernismo arquitetônico peruano é identificado na formação do Grupo Espacio, cujo manifesto é de 1947 (DI TOLLA, 2012).

Em *Transculturación narrativa en América Latina*, Ángel Rama observa que foi no “coração do incanato onde a resistência indígena foi a maior que se conheceu na América e onde pelo mesmo [motivo] a instalação espanhola se fez com dificuldade e gerou essa curiosa alternância de duas capitais paralelas: Lima e Cusco” (RAMA, 2004, p. 128). É nas serras do sul peruano que o autor identifica uma “região onde os conflitos alcançaram extrema acidez” (Ibidem, p. 120). Rama se refere ao choque entre “o tradicional indígena” e o “modernizado ocidental”: enquanto no primeiro encontrava-se uma “situação congelada”, o segundo não conseguia traduzi-la. E foram muitos os casos em que “receitas europeias” foram “transplantadas”, mas sem êxito. Para o autor uruguaio, a resposta não estaria no indígena, tampouco nos modernizadores ocidentais, e sim nas “mediações mestiças”. Afinal, o indigenismo, segundo ele, não passava de um



“mesticismo disfarçado”, uma vez que “o movimento indigenista viu e explicou os índios com recursos próprios da recém surgida cultura mestiça” (RAMA, 2004, p. 144).

Liernur reconheceu limitações parecidas na “via para manifestação da ‘mestiçagem’” perseguida por arquitetos que apostaram na fórmula, supostamente informada por John Ruskin, de que “os indígenas não trouxeram suas normas, mas sim suas mãos” (LIERNUR, 1995, p. 26). Por esse caminho teriam seguido autores como Alfred Neumayer e Enrique Marco Dorta, estudiosos da contribuição indígena ao barroco peruano. Ao passo que outros como Judith E. Villamarin e Juan A. Villamarin argumentaram, segundo Liernur, que “em geral, não se conhece muito sobre a composição e qualificação da mão-de-obra aborígene nas grandes construções espanholas”, tampouco o “grau de especialização da mão-de-obra flutuante entre tarefas urbanas e agrárias”, ou mesmo “os mecanismos de aquisição das destrezas dos ‘oficiais’ indígenas”, sendo que alguns chegam a afirmar que “tradições indígenas” não passam de “restos de costumes provenientes do ambiente rural espanhol dos séculos XV e XVI”. Em suma, seriam “numerosos” os estudos que apontam a “debilidade do caráter ‘mestiço’ na arte colonial por meio da “sobrevivência de motivos pré-colombianos”, da “continuidade atávica de uma ‘sensibilidade’ aborígene”, e da “incorporação de elementos da flora e fauna regionais no estilo ornamental” (LIERNUR, 1995, p. 27).

“Realidade ou mito”, Liernur não deixa de levar em conta os “trabalhos muito influentes” desenvolvidos com base na observação e uso do repertório do “artesanato indígena”. Na sua lista, o método de ensino de Adolfo Best Maugard (1891-1964), desenvolvido para crianças no início dos anos 1920, que resgata elementos das artes indígenas e populares; o *Silabário de la decoración americana* (1930), de Rojas; *Arte ornamental americano autóctono* (1935), de Vicente Nadal Mora (1895-1957); e *De nuestra arquitectura del pasado: La portada* (1927), de Roberto D’ávila Carson (1889-1971). Poderíamos ainda acrescentar *Estylisação nacional de arte decorativa aplicada* (1921) e *Nacionalização da arte brasileira* (1922), pesquisas sobre o neomarajoara do casal de artistas paraenses Theodoro Braga (1872-1953) e Maria Hirsch (1875-1960)². Contudo, o historiador argentino da arquitetura questiona nesses esforços de “identificação entre decorativismo, mestiçagem e americanismo” a desatenção em relação às afinidades dessa “característica estética” com “uma infinidade de outras expressões, desde a arte copta até a romântica” (LIERNUR, 1995, p. 27).

Embora Liernur pareça concordar com a impossibilidade da contribuição indígena com o argumento de que esta se fundamentaria em um “sistema estético que havia sido

² Para um exame do neomarajoara ver *Theodoro Braga e Maria Hirsch: relações artísticas, pessoais e políticas na campanha neomarajoara no Brasil* (2017), de Paola Pascoal, e *Camilla Alvares de Azevedo e Maria Francelina Barreto Falcão: o revivalismo marajoara nas artes decorativas brasileiras* (2022), de Patrícia Bueno Godoy e Suzanna K. P. Sales.



Arquitetura Neocolonial

balanço crítico e
novas perspectivas

seminário internacional 2025 / fauusp e prolam

aniquilado pelos conquistadores”, é ele mesmo quem advoga, em outro momento de *A máscara sob a máscara*, pela necessidade de “‘ver’ aquelas que seriam “as construções mais difundidas no continente: essas cabanas e choças precárias em que habitava a maioria dos indígenas sobreviventes do genocídio” (LIERNUR, 1995, p. 29). Nesse ponto, o autor compartilha com a percepção de Ramón Gutiérrez, para quem “a persistência e a ubiquidade resiliente, até hoje, das manifestações das crenças populares, dos seus valores sagrados, dos seus modos de vida essenciais, da sua criatividade” formam um “complexo”, referindo-se aqui a Octavio Paz, de “atitudes e estruturas inconscientes, que, longe de serem sobreviventes de um mundo extinto, são experiências constitutivas da nossa cultura contemporânea...”. Ainda acrescenta que a “América profunda”, expressão que retoma de José Maria Arguedas, “está inserida em sociedades distintas daquelas formadas pela fusão transcultural da conquista ibérica” (GUTIÉRREZ, 1989, p. 69).

Considerações finais

Em busca da “América profunda”, algumas linhagens da arquitetura neocolonial, assim como do latino-americanismo, forjaram o mestiço como aquele capaz de mediar um conflito entre, de um lado, as tradições indígenas e afro-latino-americanas e, do outro, a modernização ocidental. Diante dessa empreitada de construção das identidades nacionais e continental, Aníbal Quijano se pergunta em *Estética de la utopía* (1990), referindo-se à condição das vítimas da dominação colonial na América Latina, se “¿No han pasado su historia fingiendo ser lo que nunca fueron? ¿Y no es eso, exactamente, lo que urdió el oscuro laberinto que forma nuestra cuestión de identidad?” (QUIJANO, 1990, p. 741). Fazendo das palavras do pensador peruano as suas, Aracy Amaral inscreve a inquietação latinoamericana no coração do debate sobre arquitetura neocolonial. Na epígrafe de *Arquitectura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos* (1994), a observação de Quijano não informa propriamente sobre um “fingimento” que estaria em questão para a crítica brasileira de arte e arquitetura, e sim sobre a ideia de “invenção de um passado” que dá título à apresentação da coletânea de estudos que Amaral organiza. Afinal, a arquitetura neocolonial, como nenhuma outra, materializou em edifícios uma ansiedade por enraizamento no espaço e no tempo da nação e do continente. E se esse percurso, que passa do “fingimento” à “invenção”, alcança Liernur como um “mascaramento”, isso se deve, talvez, à possibilidade da arquitetura neocolonial ser menos uma “antecipação do moderno” (AMARAL, 1994, p. 16) e mais uma *encruzilhada* com suas complexidades - e camadas que a cada pesquisa aparecem - no processo de modernização.



REFERÊNCIAS

AMARAL, Aracy. **Arquitectura Neocolonial**: América Latina, Caribe, Estados Unidos. São Paulo: Memorial, Fondo de Cultura Económica, 1994.

ANDRADE, Mário. Arquitetura Colonial. **Diário Nacional**. São Paulo, 23 de agosto de 1928.

ANDRADE, Mário. Literatura modernista argentina. **Diário Nacional**. São Paulo, 22 de abril de 1928.

ARTUNDO, Patricia. **Mário de Andrade e a Argentina**: um país e sua produção cultural como espaço de reflexão.

BARREIRO, Ramiro. “Onde estão os negros da Argentina?”. **El País**: Corrientes - 08 JAN. 2017 - 16:28.

BELAUNDE, Pedro A.. Perú: la búsqueda de raíces nacionales. In: AMARAL, Aracy. **Arquitectura Neocolonial**: América Latina, Caribe, Estados Unidos. São Paulo: Memorial, Fondo de Cultura Económica, 1994.

BERGEL, M. América Latina, pero desde abajo. Prácticas y representaciones intelectuales de un ciclo histórico latinoamericanista. 1898-1936. **Cuadernos de Historia**: Departamento de Ciencias Históricas. Universidad de Chile. Junio 2012: 7-36.

BONILLA DI TOLLA, Enrique. La crítica arquitectónica peruana en el último tercio del siglo XX. In: **Anales del Instituto de Arte Americano e Investigaciones Estéticas Mario J. Buschiazso**, 2012. p. 77-94.

BOVISIO, Maria Alba. “El discurso sobre la herencia prehispánica en la casa euríndica de Ricardo Rojas”. **Anales de XII Congreso Argentino de Antropología Social (CAAS)**. La Plata: Universidad Nacional de La Plata.

COMPAGNON, Olivier. **Adeus à Europa**: a América Latina e a Grande Guerra. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

CRESPO, R. A.. Cultura e política: José Vasconcelos e Alfonso Reyes no Brasil (1922-1938). **Revista Brasileira de História**, v. 23, n. 45, p. 187–208, jul. 2003.

DE ALMEIDA MARTINS, Renata Maria. Novas Perspectivas Historiográficas e de Preservação do Patrimônio Cultural latino-americano: o caso das Missões Jesuíticas na América Portuguesa e na América Espanhola. **Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina**, 2016.



DE ANDRADE, Leonardo Bento. A sobrevivência de uma raça: os mestiços no projeto estético de José Vasconcelos. **Frontería** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 164–181, 2020.

DIAS, Natally Vieira. O México revolucionário e o latino-americanismo no Brasil nos anos 1920. **Esboços**: histórias em contextos globais, [S. l.], v. 26, n. 41, p. 126–148, 2019.

FERREIRA, Lígia. F. Mário de Andrade, africanista. In: GRILLO, Angela T.; LOPES, Telê A.. **Aspectos do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2019.

GODOY, Patrícia Bueno; SALES, Suzanna Ketlin Paulino. Camilla Alvares de Azevedo e Maria Francelina Barreto Falcão: o revivalismo marajoara nas artes decorativas brasileiras. **Encontro de História da Arte**, n. 16, p. 99-108.

GUTIÉRREZ, Ramón. **Arquitetura latino-americana**. Textos para reflexão e polêmica. São Paulo: Nobel, 1989

Halperin Donghi, Tulio. **Vida y muerte de la República Verdadera**. Buenos Aires: Ariel, 1999.

HERRÁEZ, Maria. Latinismo, latinoamericanismo y antipanamericismo en la Revue de l'Amérique Latine (1922-1932): redes intelectuales trasatlánticas. **Cuadernos Americanos** 175 (México, 2021/1), pp. 61-87.

JOSIOWICZ, A.. “Por uma política da estética em Mário de Andrade: expressionismo e infância”. **Sociologia & Antropologia**. Rio de Janeiro: Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, v. 5, n. 3, pp. 799–823.

KESSEL, Carlos. “Estilo, discurso, poder: arquitetura neocolonial no Brasil”. **História Social**, [S. l.], v. 5, n. 6, p. 65–94, 1999. DOI: 10.53000/hs.v5i6.179.

KESSEL, Carlos. “Vanguarda efêmera: arquitetura neocolonial na Semana de Arte Moderna de 1922”. **Estudos Históricos**. São Paulo: Revista do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, v. 2, n. 30, 2002.

LIERNUR, Jorge. A máscara sob a máscara: mestiçagem e modernização na arquitetura latino-americana do início do século. In: CARDOSO, Luiz Antonio Fernandes; OLIVEIRA, Olívia Fernandes de (Orgs.). **(Re)Discutindo o Modernismo**: universalidade e diversidade do movimento moderno em arquitetura e urbanismo no Brasil. Salvador: I DOCOMOMO, 1995, pp. 21-34.

MARTINS, Maria Claudia de Oliveira. “Escravidão negra na Região Platina”. **Revista Orbis Latina**: Racionalidades, Desenvolvimento e Fronteiras - v. 6 n. 2 (2016).



Arquitetura Neocolonial

balanço crítico e
novas perspectivas

seminário internacional 2025 / fauusp e prolam

MATOS, Regiane. **Mário de Andrade no diálogo epistolar com intelectuais e escritores uruguaios, peruanos, chilenos e colombianos: edição da correspondência.**

Tese de Doutorado: Universidade de São Paulo, 2016.

MELLO, Joana. A construção do nacional Ricardo Severo e a Campanha de Arte Tradicional no Brasil (1910-1930). **Varia Historia**, Belo Horizonte, vol. 35, n. 68, p. 597-629, mai/ago 2019.

MIGLIACCIO, Luciano. Obra de Horacio Coppola evidencia o diálogo entre o modernismo brasileiro e o argentino. **Ciência e Cultura**, v. 65, n. 1, p. 56-58, 2013.

NOVO, Leonardo. “O redescobrimento da Ibero-América: articulações entre arquitetura, arte e cultura nas narrativas de Ángel Guido”. **Anais do II Seminário Internacional Espaços Narrados: as línguas na construção dos territórios ibero-americanos**, 2019, pp. 538-557.

NOVO, Leonardo. **Articulações pan-americanas: a história em pauta nos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos no Entreguerras.** Tese de Doutorado: FAUUSP, 2023.

PASCOAL, Paola. Theodoro Braga e Maria Hirsch: relações artísticas, pessoais e políticas na campanha neomarajoara no Brasil. **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História**. Brasília: UNB, 2017.

PASCUARÉ, Andrea. “Del Hispanoamericanismo al Pan-hispanismo. Ideales y realidades en el encuentro de los dos continentes”. **Revista Complutense de Historia de América**. Madrid: Universidad Complutense, n. 26, pp. 281-306.

PEIXOTO, João Paulo Campos. “Arquitetura Neocolonial: um denominador comum no cenário latino-americano da primeira metade do século XX”. **Pós: Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, São Paulo, v. 29, n. 55, pp. 1-11, jul-dez 2022.

PÉREZ GONZÁLEZ, Juliana. “Mário de Andrade y Carlos Vega: el estudio de la música popular”. **Ensayos: Historia y teoría del arte**, 2014.

QUIJANO, Aníbal. Estética de la utopía. In: **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Buenos Aires: CLACSO, 2014, pp. 733-741.

RAMA, Ángel. **A cidade das letras**. São Paulo: Boitempo, 2015.

RAMA, Ángel. **Transculturación narrativa en América Latina**. Buenos Aires, México: Siglo XXI, 2004.

TENÓRIO, Mauricio. “Um Cuauhtémoc carioca: comemorando o Centenário da



Arquitetura Neocolonial

balanço crítico e
novas perspectivas

seminário internacional 2025 / fauusp e prolam

Independência do Brasil e a raça cósmica”. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Vol. 7, N. 14, pp. 123-148.